

RUBEM BRAGA

IMPRESSÕES DA BAHIA

Contei que estive na Bahia, e devo dizer que a achei — não digo mais bela, porém, mais faceira e habitável. O prefeito, Antônio Carlos Magalhães, está com um grande prestígio, tal como o brigadeiro Faria Lima em São Paulo. Todos dizem que ele está fazendo muitas coisas, e a gente vê, que é verdade. Esse prestígio do prefeito beneficia o governador Luís Viana Filho, que o nomeou e apóia.

Conversei com o governador; em meio às inquietações do momento nacional, que certamente a perturbam, a Bahia, internamente, me deu uma impressão de paz. Os estudantes fizeram várias passeatas e manifestações de protesto contra o assassinio do estudante Édson Luís no Calabouço; como a polícia, por ordem do Governador, não interferiu, tudo transcorreu em paz. Achei curioso não haver o governo baiano capitalizado, como fez o sr. Abreu Sodré, essa demonstração de democracia e ordem; um auxiliar do Governo explicou-me que houve, no Governo, quem julgasse melhor assim, para não irritar “certos elementos militares”. Pergunto-me se a série de bombas paulistas, inclusive a última, dirigida contra “O Estado de São Paulo”, não foi calculada para destruir esse clima de boa convivência democrática. Sejam quais forem seus autores, da extrema esquerda ou da extrema direita, façamos votos para que eles sejam descobertos e punidos com a maior severidade; aproveito a deixa para mandar aqui, aos meus colegas do “Estadão”, um abraço de solidariedade. A Bahia prospera. O governo Lomanto soube aproveitar as facilidades que foram criadas ao desenvolvimento, e o centro industrial de Aratu cresce de ma-

neira magnífica; acredito que o atual governo, que acaba de comemorar seu primeiro aniversário, siga no mesmo rumo. Passei um dia rodando em lancha pela Bahia, e vi as chaminés de Mataripe e Aratu; seus fogos e fumaças são de alegrar o coração. No meu caso essa alegria tinha, misturadas, duas pequenas tristezas.

Uma foi ver que o progresso industrial compromete a beleza idílica daquelas águas e ilhas. Tomamos banho em uma praia solitária e linda da ilha dos Frades, e quando voltei ao barco reparei que tinha um pé sujo de óleo. Como a Guanabara, a Bahia de Todos os Santos se conspurca e estraga. Em parte, isso será inevitável, mas a hora é de fazer um esforço inteligente e severo para disciplinar a indústria, limitando os malefícios de sua implantação. É bom não esquecer que o turismo é também uma grande indústria — e o turismo na Bahia, pelo menos o nacional, já é uma fonte de riqueza muito séria.

Meu outro motivo de tristeza foi a lembrança de uma nota que li em um jornal de Cachoeiro de Itapemirim, Espírito Santo. Ali se dizia que a parte do impôsto de renda que as pessoas físicas e jurídicas da região podem aplicar em investimento está sendo levada para uma indústria baiana, graças a uma propaganda inteligente. O jornal sugeria que ao capixaba, desprezado e explorado pela União, fôsse pelo menos permitido aplicar em sua própria terra aquelas suas modestas sobras. Já que nos negam incentivos para atrair dinheiro de fora (continuamos a ser “o Nordeste sem Sudene”) que ao menos pudéssemos contar com nossas pobres economias...

DN 23. 4. 68